

ECOLOGIA E ASPECTOS
DEMOGRÁFICOS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

OLAVO BAPTISTA FILHO

Além de considerações gerais a respeito da Ecologia, o presente artigo focaliza alguns aspectos significativos da população do Estado de São Paulo, de acôrdo com os dados do recenseamento de 1º de julho de 1950.

Seu autor é sócio cooperador da A.G.B., membro da Comissão Consultiva Regional da Seção de São Paulo e Inspetor Regional de Estatística do I.B.G.E., neste Estado.

Ecologia e cultura. — As relações entre o meio geográfico e as espécies animais e vegetais têm sido objeto de estudos aprofundados e permanentes, desde os princípios do século XIX, mais particularmente. Tal a importância destes, que as investigações processadas sobre o assunto foram revelando aspectos e firmando princípios, hoje enquadrados no setor bem definido da *Ecologia*. Dos estudos ecológicos, o mais interessante é o que gira em torno do homem e a respeito das suas relações com os outros animais e com os vegetais.

O conjunto de valores espirituais e materiais constitui o que se convencionou chamar, em Sociologia e Antropologia, *cultura*. Os traços culturais estão relacionados intimamente com o meio físico; daí termos conhecimento das nítidas influências da paisagem sobre o homem. O mar, o sertão, os cursos d'água, a montanha, o vale condicionam certos aspectos de vida, modelando os hábitos e costumes dos grupos sociais. É bem verdade que o progresso da técnica pode e tem alterado, em muitos casos, a naturalidade das relações entre o homem e o meio físico. A engenharia sanitária, a mecânica da agricultura e os processos de exploração econômica exercem considerável influência na *modelação cultural* (*).

(*) Esta expressão está sendo por nós usada para indicar a ação exercida por fatores tecnológicos no sentido de alterar os padrões de cultura.

A conquista do solo da Líbia para a agricultura, a abertura dos canais de Suez e Panamá, a recuperação e fertilização do vale do Tennessee, o saneamento da Baixada Fluminense são exemplos bem frizantes de como o homem pode alterar fundamentalmente o meio, no sentido de adaptá-lo melhor às suas conveniências.

O Homem não é apenas passivo frente ao meio, como sucede com outros animais e com as espécies vegetais. Ele reage de forma bem acentuada aos estímulos e impactos do meio, agindo no sentido de alterá-lo como imperativo das suas conveniências biológicas e econômicas. A comunidade regional é, porém, um todo, onde se mesclam num só ritmo de vida o homem e o meio físico. Por isso, qualquer fator externo está sujeito a perturbar o equilíbrio ecológico. A ecologia não permanece no campo da mera investigação acadêmica, nem se deixa cercar apenas por cogitações teóricas, mas pode contribuir enormemente para a solução de problemas sociológicos e políticos dos mais graves, tendo, portanto elevado sentido prático.

Assim, temos a destacar as questões ligadas ao povoamento, dos pontos de vista político, social, econômico e demográfico.

O comportamento do homem frente ao meio é caracterizado principalmente pela sua capacidade de reação às condições ditadas pela Geografia. A imobilidade dos vegetais e a pouca mobilidade dos outros animais são contrastadas pela agitada mobilidade do homem no espaço. Os movimentos de população são recursos de que dispõe a espécie humana para reagir às condições do meio. Além do mais, como muito bem acentuou Gilberto Freyre, maior que a mobilidade no espaço, é a mobilidade no tempo, isto é, a capacidade do homem receber pela tradição escrita e oral, dos antepassados e transmitir às gerações vindouras, o conhecimento de fatos que podem influir no seu comportamento coletivo.

A larga possibilidade que tem o homem de se locomover pode ser encarada também desde que exagerada, como fator de desequilíbrio ecológico. O equilíbrio é difícil de ser definido ou limitado, de vez que a noção envolve necessariamente certa relação entre as exigências do homem e as disponibilidades do meio. O progresso da ciência e da técnica proporcionou ao homem o recurso do intercâmbio entre regiões, o que reduziu de muito a dependência que existia entre o homem e o meio. A divisão internacional do trabalho e a especialização das funções econômicas e técnicas são fatores decisivos para neutralizar a tendência da mobilidade excessiva. Por outro lado, a divisão do trabalho não pode ser rígida, por imperativo de ordem econômica. Não se admite, por exemplo, que qual-

quer Nação possa subsistir dentro do padrão de civilização ocidental, ostentando apenas a exploração agrícola como fonte de riqueza de seu povo. A industrialização decorre obrigatoriamente, como único recurso de elevação do padrão de vida. Portanto, há hoje em dia, ao lado do intercâmbio de bens, serviços e idéias, acentuado impulso de adaptação ao meio. O ponto de "acomodação" deve situar-se equidistante da plena mobilidade e do total "fechamento" regional.

Tanto mais será útil atentar para o relêvo dos estudos ecológicos, quanto mais se observar que o meio geográfico nalgumas regiões oferece considerável resistência ao desenvolvimento da civilização local. A insalubridade, a ausência de fontes de energia, acidentes geográficos de difícil transposição, exercem sobre o trabalho humano inegável influência. Gilberto Freyre (1) afirma que, nessas condições, o homem labora anti-ecologicamente, quanto à dieta, regime e condição de trabalho. Da mesma forma que as fábricas e escritórios das regiões frias possuem aquecimento artificial no inverno, assim também nas regiões tropicais durante o verão deveria ser generalizada a utilização de ar frio capaz de atenuar o sacrifício do esforço contínuo a 35° ou 40° centígrados.

Com relação à indumentária, é interessante notar que a adaptação ao meio se faz de forma muito mais genérica e acentuada, isso porque depende mais do indivíduo do que do grupo e não exige recursos econômicos que não estejam ao seu alcance. Aliás, é de se notar que o ônus que o homem dos trópicos paga ao meio é em parte compensado no setor da indumentária. As vestimentas para o homem do trópico são muito mais econômicas, pois dispensam os agasalhos custosos, chapéus, luvas, sapatos especiais, etc.

O território de São Paulo é quase todo possuidor de clima temperado e quente, o que propicia ao homem das pequenas cidades e dos campos o uso de indumentária de tecidos leves de algodão, de custo baixo. Nas fazendas paulistas, podemos observar como é generalizado o hábito de tais vestimentas (2).

A adaptabilidade do homem ao meio se faz também através do regime de habitação, notando-se nas regiões quentes a preocupação de combater o excesso do calor e da luminosidade. Pelo menos, na zona rural, onde não se fez sentir ainda a influência de materiais e estilos importados, a habitação ostenta padrões, embora modestos, altamente funcionais. As primeiras residências rurais do Brasil foram as dos engenhos. Nestes, a casa-grande representava o que

(1) FREYRE (Gilberto) — *Curso de Sociologia* — Universidade do Dist. Federal — 1935-1936 — p.6.

(2) *A Fazenda de Café em São Paulo, do autor* — Serviço de Informação Agrícola — Rio — 1952.

havia de mais expressivo em matéria de habitação. "A arquitetura da casa-grande é a primeira manifestação de compreensão do colonizador, de adaptação ao meio físico do Brasil. Pois a casa grande oferece, nas linhas da sua arquitetura, uma harmonia entre a necessidade do homem, ou, em particular da família patriarcal do senhor do engenho, e as condições de clima, os materiais peculiares da região; um equilíbrio de aproveitamento das condições do ambiente" (3).

O traço funcional da casa grande se encontra, também, nas pequenas habitações do "hinterland." O uso do barro batido e da palha não tem apenas um sentido econômico, mas sobretudo ecológico. As "sedes" e as "colônias" das fazendas paulistas apresentam características bem definidas de adaptação ao meio (4).

Nas grandes cidades paulistas, observa-se já nítidos desequilíbrios ecológicos com relação ao regime de habitação. A utilização indiscriminada de novos recursos em materiais e técnicas tem perturbado sensivelmente as relações entre o homem e o meio físico. Aliás, a moderna arquitetura funcional, tão proclamada, outra coisa não é que o retorno aos padrões funcionais do "colonial". Nem sempre, contudo, são felizes os arquitetos, principalmente quando dão paredes de vidro, fustigadas impiedosamente pela insolação. Durante quatro meses há habitações "modernas" que não oferecem condições de moradia, bastando que a temperatura ultrapasse 30º centígrados para que a vida ou o trabalho ali se tornem insupportáveis.

É inegável, porque a história e a ciência o provam, que a habitação deve adaptar-se ao meio geográfico e social. Sempre que ela se distanciar destes, o desequilíbrio ecológico será manifesto.

Rocha Lima, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (5), acentua ter a "geografia interferência de vulto, quando a ela se recorre para a solução dos problemas fundamentais da habitação, no tocante às subordinações de origem regional, nos quais os hábitos, as condições climáticas, meteorológicas, etnográficas, políticas, religiosas e de recursos naturais, justificam a existência de um determinado tipo arquitetural". De fato, há a considerar em primeiro plano a estreita relação existente entre a natureza do solo e os materiais destinados às edificações. A presença de calcário, pedra, argila, madeira pode determinar o emprêgo mais intenso des-

(3) DIÉGUES JÚNIOR (Manuel) — *O Engenho de Açúcar no Nordeste* — Serviço de Informação Agrícola — Rio — 1952 — pág. 29.

(4) *A Fazenda do Café* — Op. cit. —

(5) LIMA (Enech da Rocha) — *A Habitação* — Rio, 1950, pág. 19.

te ou daquele material. Daí a variedade arquitetônica ser uma função das disponibilidades da própria natureza, a qual influencia na idealização dos estilos.

Feitas estas considerações genéricas sobre aspectos interessantes da ecologia e dos traços culturais, impõe-se agora a apreciação da população como assunto relacionado ao exame introdutório que fazemos.

Principais características da população do Estado de São Paulo. — Os estudos sobre a população, até há pouco tempo, não mereciam a devida atenção, por falta exatamente do conhecimento de métodos científicos de observação e análise. Dos estudos de Malthus até os procedidos pela "Organização das Nações Unidas", houve um longo intervalo, caracterizado pelo quase desinteresse em tratar a questão nos seus aspectos intrínsecos, tais como tendências de mortalidade e de fecundidade, perspectivas de variações futuras, migração e distribuição, assimilação social e cultural dos imigrantes, envelhecimento da população, aspectos biológicos e sociais das variações demográficas, etc.

A população vive em função, principalmente, dos recursos naturais dispostos no solo, no sub-solo e na atmosfera. Torna-se evidente constituir o crescimento da população mundial, em ritmo acelerado, por si só, razão suficiente para o exame e o levantamento das perspectivas do futuro.

No decurso de um ano a população dum país ou região, que não recebe contingentes humanos do exterior ou de outras regiões, pode sofrer modificações de três maneiras, a saber:

- a) nascimentos de crianças (O anos);
- b) falecimentos de pessoas de idades diversas, a partir de O anos; e
- c) envelhecimento de 1 ano para cada indivíduo.

Das três formas citadas, a mais decisiva é sem dúvida a primeira. A natalidade é extremamente variável no mundo e assim também em qualquer país, de uma região a outra, de um município a outro.

Alfred Sauvy (6) classifica os países, quanto à natalidade, em três grupos, que são:

(6) SAUVY (Alfred) — *A População* — Rio, 1952.

I. De fraca natalidade (menos de 20 nascimentos por 1.000 habitantes)

Exemplos:	Austria	14,6
	Bélgica	15,6
	Alemanha	15,7
	Grã-Bretanha	15,8
	Suécia	16,4
	Suiça	17,5
	Itália	18,1
	Dinamarca	18,2
	Noruega	18,5
	França	19,5
	Espanha	19,9

II. De natalidade média (20 a 30 nascimentos por 1 000 hab.)

Exemplos:	Irlanda	21,0
	Holanda	22,3
	Tchecoslováquia	22,9
	Austrália	22,3
	Estados Unidos	24,0
	Portugal	24,2
	Finlândia	24,4
	Nova Zelândia	24,5
	Grécia	25,0
	Rússia	26,0
	Japão	26,8
	Canadá	26,8

III. De natalidade forte (mais de 30 por 1 000 hab.)

Exemplos:	Iugoslavia	30,2
	Chile	32,4
	Filipinas	32,4
	Porto Rico	37,2
	Egito	42,6
	Brasil	43,0
	Venezuela	43,0
	México	45,0
	Costa Rica	46,5

O mesmo demógrafo, aliás uma das grandes autoridades mundiais, considera as taxas de 40 a 45 como correspondentes à fecundidade natural em regime de monogamia, sem restrições voluntárias.

A situação do Estado de São Paulo, nesta classificação, é no 3.º grupo, pois os cálculos oficiais mais aproximados dão 32,24* nascimentos por 1 000 habitantes, aquém, portanto, da fecundidade natural admitida por Sauvy.

(*) Cálculo do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, para 1949.

O último recenseamento, levado a efeito em 1950, revelou ter São Paulo naquele ano (1.º de julho) 9 179 231 habitantes. Este efetivo, em confronto com o de 1940, apresentou uma diferença absoluta para mais de 1 989 738 milhões, ou relativa de 27,68%.

Tendo em conta as taxas de natalidade e de mortalidade e, mais ainda, o fluxo imigratório provindo de outros estados e do exterior, podemos concluir pelo rápido crescimento da população paulista, distribuída irregularmente num território de 247 233 km². Segundo as zonas fisiográficas, a população presente na data do Censo se distribuía conforme o que dispõe a tabela n.º 1.

Conforme se observa, grande e expressivo contingente habita a *zona Industrial*, constituída pelos municípios de:

- 1 — Barueri
- 2 — Cabreúva
- 3 — Campinas
- 4 — Cotia
- 5 — Franco da Rocha
- 6 — Guarulhos
- 7 — Indaiatuba
- 8 — Itú
- 9 — Jundiaí
- 10 — Mairiporã
- 11 — Mogi das Cruzes
- 12 — Poá
- 13 — Salesópolis
- 14 — Salto
- 15 — Santana de Parnaíba
- 16 — Santo André
- 17 — São Bernardo do Campo
- 18 — São Caetano do Sul
- 19 — São Paulo
- 20 — São Roque
- 21 — Sorocaba
- 22 — Suzano
- 23 — Vinhedo

A concentração industrial, que se verifica no município da Capital e seus arredores, fez aglutinar considerável massa de população na citada zona fisiográfica, onde a densidade atinge a 267 habitantes por km². Cerca de 33% da população paulista vive sob o influxo direto da concentração industrial, dela recebendo impulsos próprios, os quais formam o conjunto de traços regionais bem característicos. Assim, nesta região, mesmo nas pequenas comunas que a compõem, o impacto da urbanização imprime um sentido de vida social bem definido, isto é, a civilização industrial. Além do mais, convém lembrar, esta zona, pela natureza de sua principal atividade econô-

mica, exerce forte atração à mão de obra doutras regiões do país e mesmo do exterior. As correntes imigratórias, provocadas pelos fatores inerentes à rápida industrialização, carregam usos, hábitos e costumes, que vão chocar-se aos traços culturais já amoldados à região.

A distribuição geográfica dos efetivos demográficos, na zona Industrial, é predominantemente urbana (67,2% da população regional); enquanto isso, apenas 14,3% constitui o efetivo do quadro rural e 18,4% do suburbano. Concentração urbana superior à citada só se verifica na zona Litoral de Santos, constituída praticamente de municípios que não possuem região rural ou cuja vida se processa quase exclusivamente nas sedes municipais, tais como como Santos, Guarujá e São Vicente.

A predominância da população rural se verifica com altas porcentagens nas zonas do Alto Paraíba (88,2%), Paranapiacaba (84,6%), Alto Ribeira (86,8), Litoral de Iguape (84,7%). Destas quatro zonas fisiográficas, é interessante notar, apenas uma, a do Alto Ribeira, apresenta baixa relação de brancos sobre o total da população (59,5%), onde os pretos representam 14,8% e os pardos 25,0%. Ora, sabendo-se que, na média geral do Estado, a população preta é da ordem de 7,97%, tem-se que a média é de muito superada no caso do Alto Ribeira, uma das zonas menos desenvolvidas do Estado.

Com relação aos amarelos, através da observação em termos absolutos, admitem-se como regiões de predominância de colonização japonesa alguns municípios da Noroeste e da Alta Paulista. No entanto, o exame da tabela 3, através dos números relativos que oferece, demonstra que a maior concentração de amarelos é a existente no Litoral de Iguape (8,7%) seguida da de Marília com 8,2%, Sertão do Rio Paraná 7,7% e Pioneira 7,3%.

Quanto às atividades exercidas pela população paulista (tabela 4), é muito importante observar o considerável relêvo das atividades intimamente ligadas à agricultura, na quase totalidade das zonas fisiográficas, cabendo notar apenas as exceções das zonas Industrial e Litoral de Santos, nas quais é evidente o predomínio doutras atividades, pelas razões já bem conhecidas. É ainda a zona do Alto Ribeira que contém a maior população empenhada na agricultura, após a zona Pioneira do Estado. A inexpressiva posição de São Paulo no tocante à indústria extrativa justifica, perfeitamente, as baixas porcentagens que se verificam, de pessoas empregadas neste setor da atividade econômica.

A tabela 5 propicia o conhecimento da densidade demográfica das zonas fisiográficas, destacando-se como a mais densa a Indus-

trial e a menos densa a do Alto Ribeira. Será interessante correlacionar este fato aos outros já registrados para esta última região.

Os dados contidos nas tabelas apresentadas ensejariam uma multiplicidade de apreciações, através da análise dos diferentes aspectos da distribuição demográfica e sua composição; entretanto, a matéria não poderia ser tratada num simples artigo. Nosso objetivo, porém, é suscitar o estudo da questão do povoamento no âmbito regional, relacionando-a com o meio físico, com as condições econômicas e com as estruturas sociais.

NOTA — Os dados utilizados foram extraídos dos resultados do Censo Demográfico de 1950, já publicados.

Tabela n.º 1

POPULAÇÃO PRESENTE, NÃO MORADORES PRESENTES E MORADORES AUSENTES, SEGUNDO AS ZONAS FISIIOGRÁFICAS

ZONAS FISIIOGRÁFICAS	População presente	Não moradores presentes	% /s pop. presente	Moradores ausentes	% /s pop. presente
Médio Paraíba	370 495	7 571	2,04	4 452	1,20
Alto Paraíba	79 237	570	0,71	828	1,04
Litoral de São Sebastião	24 469	622	2,54	286	1,16
Mantiqueira	27 045	493	1,82	176	0,65
Industrial	3 028 116	47 474	1,56	46 725	1,54
Litoral de Santos ...	274 134	10 901	3,97	4 560	1,66
Cristalina do Norte ...	378 512	4 267	1,12	3 679	0,97
Mogiana	124 508	1 409	1,13	1 893	1,52
Paranapiacaba	118 197	740	0,62	803	0,67
Franca	210 019	2 560	1,21	3 213	1,52
Litoral do Iguape ...	87 775	1 607	1,83	974	1,10
Piracicaba	528 747	5 533	1,04	5 670	1,07
Ribeirão Preto	270 293	3 851	1,42	3 465	1,28
Barretos	171 351	2 314	1,35	2 462	1,43
Araraquara	300 918	2 943	0,97	3 123	1,03
Campinas de Sudeste	169 421	2 114	1,24	2 456	1,44
Rio Preto	571 981	5 951	1,04	5 785	1,01
Botucatu	143 532	1 808	1,25	1 430	0,99
Alto Ribeira	27 270	364	1,33	665	2,43
Marília	765 197	6 560	0,85	8 331	1,08
Sorocabana	321 384	3 039	0,94	3 466	1,07
Pioneira	680 662	4 620	0,67	5 637	0,82
Sertão do Rio Paraná	461 160	2 826	0,61	3 546	0,76
ESTADO	9 134 423	120 137	1,31	113 625	1,24

Tabela n.º 2
 POPULAÇÃO PRESENTE, POR SITUAÇÃO DO DOMICILIO,
 SEGUNDO AS ZONAS FISIOGRAFICAS

ZONAS FISIOGRAFICAS	POPULAÇÃO PRESENTE						
	Total	Quadro urbano	% s/ total	Quadro suburbano	% s/ total	Quadro rural	% s/ total
Médio Paraíba.....	370 495	134 042	36,1	59 122	15,9	177 331	47,8
Alto Paraíba.....	79 237	7 613	9,6	1 719	2,1	69 905	88,2
Litoral de São Sebastião	24 469	4 251	17,3	2 591	11,8	17 327	70,5
Mantiqueira.....	27 045	3 247	12,0	5 563	20,6	18 215	67,3
Industrial.....	3 028 116	2 036 910	67,2	557 977	18,4	433 229	14,3
Litoral de Santos.....	274 134	202 257	73,7	45 468	16,5	26 409	9,6
Cristalina do Norte.....	378 512	81 261	21,4	43 645	11,5	253 606	67,0
Mogiiana.....	124 508	38 898	31,2	6 031	4,8	79 579	63,9
Paranapiacaba.....	118 197	72 881	61,6	5 124	4,3	100 056	84,6
Franca.....	210 019	52 255	24,8	20 425	9,7	137 339	65,3
Litoral de Iguape.....	87 775	9 478	10,7	3 918	4,4	74 379	84,7
Piracicaba.....	528 747	179 046	33,8	71 019	13,4	278 682	52,7
Ribeirão Preto.....	270 293	98 437	36,4	17 886	6,5	154 018	56,9
Barretos.....	171 351	36 018	21,0	19 030	11,1	116 237	67,8
Araraquara.....	300 918	107 164	35,6	23 530	7,8	170 224	56,5
Campinas do Sudeste.....	169 421	37 650	22,2	11 786	6,9	119 985	70,8
Rio Preto.....	571 951	120 964	21,1	68 971	12,0	382 016	66,7
Botucatu.....	143 532	47 201	32,8	10 632	7,4	85 699	59,7
Alto Ribeira.....	27 270	2 449	8,9	1 128	4,1	23 693	86,8
Marília.....	765 197	174 667	22,8	74 906	9,7	515 624	67,3
Sorocabana.....	321 354	67 343	20,9	23 030	7,1	231 011	71,8
Pioneira.....	630 662	126 068	19,8	41 400	6,0	513 194	75,3
Sertão do Rio Paraná.....	461 160	67 674	14,6	41 032	8,8	352 454	76,4
ESTADO	9 134 423	3 647 807	39,93	1 156 407	12,66	4 330 212	47,41

Tabela n.º 3
POPULAÇÃO PRESENTE, POR CÔR, SEGUNDO AS ZONAS
FISIOGRÁFICAS

ZONAS FISIOGRÁFICAS	POPULAÇÃO PRESENTE								
	Total*	Branços	% s/ Total	Pretos	% s/ Total	Amarrelos	% s/ Total	Pardos	% s/ Total
Médico Paraba.....	370 495	304 175	82,0	32 447	8,7	3 276	0,8	29 880	8,0
Alto Paraba.....	79 237	70 193	88,5	3 762	4,7	72	0,0	5 086	6,4
Litoral de São Sebastião	24 469	21 488	87,8	830	3,3	276	1,1	1 791	7,3
Mantiqueira.....	27 045	23 586	87,2	1 548	5,7	1 066	3,9	789	2,9
Industrial.....	3 028 116	2 651 640	87,5	230 808	7,6	67 092	2,2	74 666	2,4
Litoral de Santos.....	274 134	234 041	85,3	21 525	7,8	4 885	1,7	13 293	4,8
Cristalina do Norte ..	278 512	339 247	89,6	24 015	6,3	1 081	0,2	13 614	3,5
Mogiana.....	124 508	108 391	87,0	10 492	8,4	137	0,1	5 206	4,1
Paranapiacuba.....	118 197	105 273	89,0	5 168	4,3	6 709	5,6	899	0,7
Franca.....	210 019	178 275	84,0	24 870	11,8	1 144	0,5	5 465	2,6
Litoral de Iguape.....	87 775	67 978	77,4	8 233	9,4	7 656	8,7	3 567	4,0
Piracicaba.....	528 747	437 893	82,8	74 596	14,1	1 146	0,2	4 251	0,8
Ribeirão Preto.....	270 293	225 611	83,4	27 631	10,2	3 074	1,1	13 579	5,0
Barretos.....	171 351	130 725	76,2	18 078	10,5	7 799	4,5	14 621	8,5
Araraquara.....	300 918	272 250	90,4	20 669	6,8	1 864	0,6	5 428	1,8
Campinas de Sudeste..	169 421	151 076	89,1	7 946	4,6	2 478	1,4	7 550	4,4
Rio Preto.....	571 981	514 925	90,0	34 352	6,0	7 782	1,3	14 233	2,4
Botucatu.....	143 532	126 577	88,1	12 055	8,3	1 448	1,0	3 263	2,2
Alto Ribeira.....	27 270	16 230	59,5	40 43	14,8	93	0,3	6 838	25,0
Marília.....	765 197	592 806	77,4	78 628	10,2	62 888	8,2	29 757	3,8
Sorocabuna.....	321 384	280 117	87,1	25 914	8,0	8 625	2,6	5 979	1,8
Pioneira.....	680 662	547 787	80,4	57 121	8,3	50 356	7,3	24 365	3,5
Sertão do Rio Paraná..	461 160	372 658	80,8	43 008	9,3	35 904	7,7	8 480	1,8
ESTADO	9 134 423	7 823 111	85,64	727 788	7,97	276 851	3,03	292 669	3,20

* Inclusive as pessoas sem declaração de cor.

Tabela n.º 4

PESSOAS PRESENTES, DE 10 ANOS
PRINCIPAL, SEGUNDO

ZONAS FISIOGRAFICAS	Total	Agricultura, pecuária e silvicultura	% s/ o Total	Indústrias extrativas
Médio Paraíba	265 716	48 687	18,3	3 420
Alto Paraíba	54 693	21 326	38,9	692
Litoral de São Sebastião ..	17 514	4 660	26,6	958
Mantiquera	18 944	4 440	23,4	72
Industrial	2 381 956	76 830	3,2	11 790
Litoral de Santos	217 569	6 296	2,8	3 308
Cristalina do Norte	276 028	96 643	35,0	1 338
Mogiana	88 899	27 869	31,3	333
Paranapiacaba	82 450	25 282	30,6	7 564
Franca	146 490	49 342	33,6	441
Litoral de Iguape	60 368	21 945	36,3	2 357
Piracicaba	384 602	100 608	26,1	1 431
Ribeirão Preto	194 043	55 347	28,5	1 273
Barretos	119 002	42 044	35,3	239
Araraquara	218 389	61 969	28,3	2 125
Campinas de Sudeste	119 986	39 826	31,1	548
Rio Preto	405 597	142 771	35,2	291
Botucatu	103 689	32 221	31,0	880
Alto Ribeira	18 897	7 712	40,8	155
Marília	528 576	191 116	36,1	1 036
Sorocaba	220 989	80 841	36,5	790
Pioneira	458 533	188 105	41,0	934
Sertão do Rio Paraná	308 184	123 512	40,0	2 497
	6 691 114	1 449 396	42,53	44 472

ANIS, POR RAMO DE ATIVIDADE
 UNIDADES FISIográfICAS

	Indústrias de transformação	% s/ Total	Comércio de mercadorias	% s/ Total	Transportes, comunicações e armazenagem	% s/ Total
:	29 142	10,9	7 029	2,6	6 646	2,5
:	876	1,6	546	0,9	140	0,2
:	736	4,2	322	1,8	329	1,8
:	707	3,7	457	2,4	243	1,2
:	558 653	23,4	142 653	5,9	86 947	3,6
:	18 630	8,5	14 853	6,8	26 700	12,2
:	18 981	6,8	5 757	2,0	3 656	1,3
:	5 254	5,9	1 602	1,8	2 108	2,3
:	2 405	2,9	1 157	1,4	1 487	1,8
:	8 151	5,5	2 639	1,8	2 141	1,4
:	10 770	1,7	825	1,3	859	1,4
:	46 043	11,9	9 650	2,5	10 571	2,7
:	16 375	8,4	4 818	2,4	4 619	2,3
:	5 272	4,4	2 715	2,2	1 647	1,3
:	15 326	7,0	5 718	2,6	7 907	1,6
:	4 004	3,3	2 226	1,8	2 913	2,4
:	16 153	3,9	9 951	2,4	6 867	1,6
:	5 338	5,1	2 287	2,2	3 960	3,8
:	241	1,2	186	0,9	112	0,5
:	20 341	3,8	13 295	2,5	11 871	2,2
:	6 704	3,0	4 706	2,1	5 049	2,2
:	12 698	2,7	9 316	2,0	6 057	1,3
:	8 218	2,6	5 685	1,8	4 440	1,4
1	801 325	23,51	248 393	7,29	197 269	5,79

Tabela n.º 5

REGIÕES FISIAGRÁFICAS
ÁREA, POPULAÇÃO E DENSIDADE

ZONAS FISIAGRÁFICAS	ÁREA (km ²)	População	Densidade demográfica
Médio Paraíba	9 551	370 495	38,79
Alto Paraíba	4 703	79 237	16,85
Litoral de São Sebastião ..	1 946	24 469	12,57
Mantiqueira	677	27 045	39,95
Industrial	11 334	3 028 116	267,17
Litoral de Santos	2 668	274 134	102,75
Cristalina do Norte	8 230	378 512	45,99
Mogiânia	4 991	124 508	24,95
Paranapiacaba	8 517	118 197	13,88
Franca	8 624	210 019	24,35
Litoral de Iguape	10 894	87 775	8,06
Piracicaba	15 211	528 747	34,76
Ribeirão Preto	8 288	270 293	32,61
Barretos	8 681	171 351	19,74
Araraquara	10 160	300 918	29,62
Campinas do Sudeste	14 565	169 421	11,63
Rio Preto	16 753	571 981	34,14
Botucatu	8 004	143 532	17,93
Alto Ribeira	4 468	27 270	6,10
Marília	19 854	765 197	38,54
Sorocabana	13 319	321 384	24,13
Pioneira	26 211	680 662	25,97
Sertão do Rio Paraná	29 577	461 160	15,59